

I Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Departamento de Antropologia, Campinas, SP, Brasil
carolparreiras@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9741-4776>

Carolina Parreiras¹

TESSITURAS, TEXTURAS, TRELIÇAS E TRAMAS: O COTIDIANO, O ORDINÁRIO E A TAREFA DA ANTROPOLOGIA

Das, Veena. *Textures of the ordinary. Doing anthropology after Wittgenstein*.
New York: Fordham University Press, 2020.

Dar às palavras um lar. É com essa proposição que Veena Das (2007) encerra seu livro, já clássico e recentemente traduzido para o português, *Life and words*. A expressão, repetida inúmeras vezes ao longo de sua obra, é menção a formulações do filósofo Ludwig Wittgenstein (1953) em *Investigações filosóficas*, influência central para o pensamento de Veena Das. Além de seu significado teórico e filosófico, ao longo de *Textures of the ordinary. Doing anthropology after Wittgenstein* (Das, 2020), essa expressão ganha outros significados: o que o livro mostra é Veena Das em busca de encontrar, por meio da escrita, um lugar para as palavras, sejam elas as suas, as de suas/seus interlocutoras/es ou as das/os várias/os teóricas/os por ela acessadas/os. A busca de um lar para as pa-

lavras está, por exemplo, em seu reconhecimento da dificuldade e da impossibilidade de prosseguir na escrita de determinados textos ou de certas narrativas; ou em sua abertura a ser instruída publicamente a partir da leitura de referenciais teóricos; ou quando permite que acontecimentos autobiográficos “se infiltrem” no texto; ou ainda ao recontar as vidas cotidianas de colaboradoras/es que habitam contextos marcados pela violência, pelo horror, pela precariedade material e por vulnerabilidades.

Assim, o livro é definido por ela mesma como uma “coleção”, que mescla doses de autobiografia, dados etnográficos de mais de 30 anos de pesquisa em Delhi, exemplos de textos literários e fragmentos de relações com suas/seus colaboradoras/es de

campo e com colegas da academia. O livro, composto por 11 capítulos, conta também com novas “encarnações” para ensaios escritos em outros momentos, revisitados e que reaparecem com nova conformação a partir da passagem do tempo. Essa forma de entender a montagem do livro e sua narrativa, em que reconhece a dificuldade de recontar, reinterpretar e ressignificar dados e relações, está de acordo com seu projeto mais amplo de pensar como a vida cotidiana – a dela mesma aí incluída – se faz a partir de uma trama, da composição de uma textura em que fios diversos se misturam, se sobrepõem e se entrecruzam. Desse modo, cada capítulo traz um aspecto do cotidiano e atesta o caráter evasivo do ordinário. Mostra, sobretudo, o quanto o projeto argumentativo de Veena Das só pode ser compreendido a partir da compreensão da tessitura de vidas concretas, que não podem e nem devem ser encobertas pelos muitos conceitos que vai dissecando. Os conceitos, fundamentais em todo o livro, só ganham significado na concretude ordinária das formas de vida que se revelam e se ocultam, na atenção aos detalhes, nos fluxos cotidianos de conversas, “micro-histórias” e “micro-geografias” dos locais em que realizou pesquisa de campo (com pessoas envolvidas com a Partição e em regiões de baixa renda de Delhi).

Não é por acaso, então, que *Textures of the ordinary* recebe o sugestivo subtítulo de “fazer antropologia depois de Wittgenstein” (tradução minha). São as ideias de Wittgenstein –

ainda que a autora negue ser uma *scholar* especialista em Wittgenstein – o fio condutor utilizado por Das para propor reflexões que, em última instância, buscam avançar na compreensão do que pode ser entendido como cotidiano e como ordinário. Para os leitores mais familiarizados com a obra de Veena Das, esses temas não serão novidade, visto que um de seus grandes argumentos está em pensar o entendimento da vida social a partir do cotidiano e do que ela chama – e que funciona como orientação para a própria feitura da etnografia – de decida ao ordinário. O léxico fornecido por Wittgenstein permeia todo o livro, especialmente a partir de ideias como formas de vida, gramática e linguagem, ceticismo, aprendizagem e cenas de instrução. Esta última ideia fornece os subsídios para que Veena Das trabalhe, em quase todos os capítulos, com a tessitura de cenas, com base em dados etnográficos de diferentes momentos de sua trajetória e em exemplos literários.

No primeiro, segundo e terceiro capítulos, ela empreende esforço de elucidar o pensamento de Wittgenstein – inspirada em Cavell (1979) e Laugier (2015, 2016) –, propondo linhas possíveis de interlocução entre filosofia e antropologia e convidando a “introduzir uma hesitação” em como habitamos – nós e nossas/os interlocutoras/es – conceitos como cultura, vida cotidiana e interior/exterior. Veena Das propõe, então, retomar o conceito wittgensteiniano de formas de vida, a partir da releitura sugerida por Cavell, para repensar sua discussão sobre a

relação entre violência em contextos domésticos cotidianos e a violência em contextos extraordinários, como a Partição e os riots de 1984. Assim, para ela, o ponto central está em pensar nos limites dessas formas de vida atravessadas pela violência, em como a violência é incorporada ou não no cotidiano e nas possibilidades concretas de reabitar o mundo e os espaços de devastação. A cena etnográfica que embasa o capítulo 8 – o sequestro e estupro de uma menina de oito anos, seguido do processo penal para punir os culpados – descreve, a partir de relatos de campo e da análise do processo jurídico, a brutalidade e a crueldade que aparecem a qualquer instante na vida cotidiana. Também propõe pensar na “treliça de relações” que envolve moradores de bairros pobres – clínicas, laboratórios, delegacias, tribunais – e como o procedimento legal é visto a partir de interpretações conflitantes e de rumores. É nesses entrecruzamentos que se dá a produção de “fatos”. Esses fatos, no entanto, ganham vidas diferentes na vizinhança da menina e nas narrativas policiais e jurídicas (que ela chama de ficções da lei).

É importante remarcar que Veena Das aposta no caráter misterioso e incerto do cotidiano, apontando sua dupla natureza: é o espaço da rotina e dos hábitos, mas também o local da incerteza em torno das relações, que podem se tornar aniquiladoras. A cena etnográfica – a loucura de um jovem e sua relação com a família – apresentada no capítulo 6 é um exemplo tanto da exaustão da habilidade de cuidar

quanto dos lados obscuros da vida cotidiana que podem ser captados em “momentos minúsculos” da vida. Algo semelhante é encontrado no capítulo 5, no qual Das analisa o que chama de esforço moral, a partir do qual a vida do outro é engajada no cotidiano. Ao narrar uma cena, de modo cênico e dramatizado, em que dois jovens de religiões diferentes se apaixonam, a autora reflete sobre como os desejos rompem noções de moralidade e prescrições normativas, produzindo possibilidades de habitar novos mundos.

A relação entre antropologia e literatura é trabalhada com mais profundidade no capítulo 7, dedicado à análise de dois livros de Coetzee (1982, 2007) e dos modos como aparecem questões como ética, responsabilidade e vulnerabilidade das formas de vida. Ao se voltar para o literário, quando enxerga uma relação similar entre, de um lado, o autor e seus personagens e, de outro, a antropóloga e pessoas que encontra em campo, Das busca compreender como as condições de vida são enquadradas por práticas de violência perpetradas por meio do aparato estatal e que contam com a conivência dos cidadãos, perguntando-se a respeito da responsabilidade de cada um de nós, enquanto membros de comunidades políticas, frente a projetos de violência para os quais não demos nosso consentimento – e um exemplo seria a normalização da tortura em alguns contextos. Outro ponto trabalhado pela autora diz respeito à maneira como podemos compreender as ideias de humano e de forma de vida humana, bem como ao

fato de que formas de vida contêm formas de morte, o que aponta tanto para a fragilidade de nossos acordos quanto para a necessidade de pensar ética e vida moral a partir de noções de cuidado e do ordinário, entendido como o lugar de reabilitação do mundo. Ainda que cuidado e reabilitação sejam incomensuráveis com a grandeza do horror, eles representam saídas para o enfrentar. Vem daí seu conceito de “ética ordinária”, sobre a qual reflete em profundidade nos capítulos 3 e 4. De modo geral, argumenta que ética e moralidade devem ser pensadas no registro do ordinário, tecidas como fios na trama da vida e que estão além de fórmulas condensadas de bom ou mau. Ética ordinária inclui reconhecer a vulnerabilidade e a fragilidade da vida cotidiana, o que é notável, por exemplo, nas “pequenas disciplinas” executadas por pessoas ordinárias (e as cenas etnográficas que apresenta caminham nesse sentido) para manter a vida.

Ainda em termos de influências teóricas, além de Wittgenstein, reaparece a centralidade de Stanley Cavell. Além de lhe dedicar o livro, Das retoma algumas de suas obras e algumas de suas lições, como quando, por exemplo, no último capítulo da obra, reproduz um comentário feito por Cavell a um artigo que havia submetido para uma revista e havia provocado “reações mistas” (p. 307) nos pareceristas. De acordo com ela, é a partir do generoso texto escrito por ele, que ela se dá conta de seu próprio lugar no mundo, notando o quanto antropólogos/os nem sempre sabem quem são

em suas experiências de trabalho de campo, especialmente – como é seu caso – estando na “vizinhança da morte”, em contextos marcados pela violência e pelo horror. Além dos autores citados, Das também utiliza bastante o pensamento de Austin (1962), retomando sua discussão sobre enunciados performativos e sobre ato ilocucionário e efeito perlocucionário, em que interessa pensar a falha dos enunciados e a instabilidade do contexto. Vem dessa influência a discussão sobre vulnerabilidade, que aparece em diferentes capítulos do livro, e a proposição de uma política do ordinário, baseada na “costura” de ação e expressão.

Ao nos deparar com referenciais teóricos dessa magnitude (ainda que Das se refira aos conceitos que utiliza como “modestos, cotidianos e nada magistras” – p. xiii), é possível reconhecer outra das marcas da obra da autora: as aproximações entre filosofia e antropologia. Mesmo que a leitura seja, por vezes, extremamente erudita e difícil para os não familiarizados com conceitos filosóficos, Veena Das evidencia o quanto esses conceitos não são dados de antemão, não são neutros e estão, também eles, ligados ao cotidiano. Possuem uma “textura aberta” (p. 8). Esse tema, ainda que percorra toda a obra, ganha especial atenção nos capítulos 9, 10 e 11, propondo-se a autora a pensar no modo como conceitos antropológicos são gerados. Para tal, ela utiliza casos exemplares: as observações de Wittgenstein à obra *O ramo de ouro*, de Frazer (2004) (e ela mesma tece novas

observações); revisita duas etnografias clássicas – Evans-Pritchard (1940), sobre os Nuer, e Liendhardt (1961), sobre os Dinka; e analisa um experimento, da junção entre etnografia e biografia, representada pela “antropoesia” (*anthropoetry*) de Renato Rosaldo (2014) e um livro de Nayanika Mookherjee (2015), ambos sobre perdas, para pensar a respeito da voz autobiográfica que atravessa a produção de nossos textos e do próprio conhecimento antropológico. Desse modo, ela afirma que os conceitos surgem dentro de uma forma de vida constituída a partir do engajamento de antropólogas/os com o trabalho de campo e com seus ambientes intelectuais. Nesse sentido, não se trata de pensar em uma hierarquia entre conceitos antropológicos e conceitos vernaculares, mas tomar ambos como “imersos no mundo ordinário” (p. 308).

Assim, o que a textura criada por Veena Das e brevemente sumarizada neste texto mostra é a centralidade do cotidiano e do ordinário, tanto em ter-

mos teóricos quanto empíricos. Vem dessa constatação sua maior contribuição para a antropologia: só é possível pensar em teoria a partir dos problemas que emergem da trama da vida e só se encontra o humano – tarefa antropológica central – por meio do engajamento com a vida concreta, miúda, dos momentos minúsculos. É somente desse modo que podemos compreender o cotidiano e as ameaças (ordinárias e extraordinárias) a esse cotidiano, bem como encontrar as palavras a partir das quais narrar e descrever as formas de vida humana. É no cotidiano – esse “recontar de eventos domésticos” (p. 27) – que podemos encontrar o outro e a nós mesmos no “sobe e desce nas intensidades por meio das quais aprendemos a estar/ser no mundo” (p. 2). Assim procedendo, torna-se possível, como alerta Veena Das, em afirmação quase poética, encontrar o amor da antropologia, conquistado a partir do momento em que deixamos o conhecimento do outro nos marcar e afetar.

Recebido em 15/04/2021 |

Aprovado em 19/07/2021

Carolina Parreiras é antropóloga, desenvolve pesquisa de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É doutora em ciências sociais pela Unicamp. Foi *visiting scholar* do Institute of Latin American Studies da Columbia University. Tem experiência e publicações nas temáticas de antropologia digital, violência e gênero e sexualidade. Entre suas publicações mais recentes estão “The covid-19 pandemic and the reconfigurations of domestic space in favelas” e, em coautoria, “Conflicting care in Brazil”.

REFERÊNCIAS

- Austin, John. (1962). *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press.
- Cavell, Stanley. (1979) *The claim of reason. Wittgenstein, skepticism, morality, and tragedy*. Oxford: Oxford University Press.
- Coetzee, John. (2007). *Diary of a bad year*. London: Penguin.
- Coetzee, John. (1982). *Waiting for the barbarians*. London: Penguin.
- Das, Veena. (2020). *Vidas e palavras. A violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp.
- Das, Veena. (2007). *Life and words. Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- Evans-Pritchard, Edward. (1940). *The Nuer. A description of the modes of livelihood and political institutions of a nilotic people*. Oxford: Clarendon.
- Frazer, James (2004). *The Golden bough*. Sioux Falls: NuVision Publications.
- Laugier, Sandra. (2016). Politics of vulnerability and responsibility for ordinary others. *Critical Horizons*, 17/2, p. 207-223.
- Laugier, Sandra. (2015). Voice as forms of life and life form. In: Wittgenstein and forms of life Special Issue. *Nordic Wittgenstein Review*, p. 63-82.
- Lienhardt, Godfrey. (1961). *Divinity and experience. The religion of the Dinka*. Oxford: Clarendon.
- Mookherjee, Nayanika. (2015). *The spectral wound. Sexual violence, public memories, and the Bangladesh War of 1971*. Durham: Duke University Press.
- Rosaldo, Renato. (2014). *The day of Shelly's death. The poetry and ethnography of grief*. Durham: Duke University Press.
- Wittgenstein, Ludwig. (1953). *Philosophical investigations*. London: MacMillan Publishing Company.